



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

OCUPAR E (RE) EXISTIR, A JUVENTUDE ESTUDANTIL E O PROTAGONISMO NO CURRÍCULO ESCOLAR

Jeanes M. Larchert
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil
Endereço eletrônico: jelarchert@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este texto, ao mesmo tempo em que pretende descortinar as velhas estratégias de dominação impostas pelos governos em tempo pós-colonial, apresenta as novas formas de resistência a essa colonização. Trazemos para o momento atual o debate sobre o movimento estudantil Ocupa, para refletirmos sobre as situações de opressão vividas pelos jovens que participaram do movimento em um período conhecido como “Primavera Estudantil”.

O Movimento Ocupa teve como pautas a revogação da Medida Provisória (MP) 746, que impões a reforma do ensino médio sem o debate democrático e participativo com a sociedade, a negação absoluta à Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que tramitava no Senado como PEC 55, e foi aprovada em novembro/2016, e a repúdio total ao PLS 193/16, que propões o “Programa Escola sem Partido”, nomeado pelo movimento como a “Lei da Mordaça”, reprovado pelo senado em 22/02/2019.

O cenário da ocupação teve mais de 1100 escolas do ensino médio e superior ocupadas em todo território brasileiro. A incidência maior das ocupações foi no estado do Paraná, 850 instituições foram ocupadas por secundaristas, segundo a União brasileira dos estudantes secundaristas/Ubes, (BRASIL, 2019).

Muitos tiveram que silenciar seus gritos, outros continuaram a gritar pelo país afora em um movimento de resistência contra uma escola eurocêntrica, ditatorial, determinista que impõe uma sociedade conservadora e hegemônica. Quantos foram repreendidos na tentativa de oprimir e dominar seus comportamentos, mas os jovens estudantes secundaristas não calaram, gritaram e ocuparam.

Ao debater a resistência dos estudantes inseridos nesse sistema-mundo legitimado pelo tripé capitalismo, colonialismo e modernidade, trazemos para o centro dos argumentos as categorias Dusselianas da Vida Cotidiana, da Totalidade e da Exterioridade. Entendendo que a Totalidade abarca a mundialidade da vida capitalista,



concreta e abstrata, a “totalidade do ser” e a universalidade dos sentidos e das práticas da vida fundada nos alicerces da modernidade europeia, cujo eixo central é o “eu absoluto”. Enquanto que a Exterioridade é “o espaço humano do Outro”, é a subjetividade da alteridade presente em cada pessoa que se constrói na coletividade. É a metafísica da alteridade que rompe com “a negação do outro”, a Exterioridade foi historicamente oprimida, relegada e marginalizada como a cultura indígena e africana no Brasil. Porém, mesmo oprimida pelo colonizador branco, a Exterioridade do jovem que luta pela escola livre salvaguarda na sua cultura popular seu *ethos* identitário (DUSSEL, 1997).

Sabemos o quanto a situação de opressão do governo violentou, destruiu e oprimiu a expressão dos estudantes, no entanto, suas amarras não foram suficientes para extinguir o movimento, cujos espaços de resistência possibilitam a “afirmação do oprimido como outro, como pessoa e como fim” (DUSSEL, 2005, p. 18); nos espaços de resistência do Ocupa a história desses estudantes contradiz o modelo social, político e econômico da sociedade conservadora e se revela Exterioridade, “a história popular, nascida da exterioridade do sistema, é real, é nossa, mas ela é ignorada, negada e considerada analfabeta: sua simbologia não é compreendida” (DUSSEL, 1997, p. 145).

Nessa perspectiva, o conhecimento ocidental, e o seu modo de conhecer e explicar o universo do “cogito” ocidental, desenvolveu a epistemologia da dominação e opressão (SANTOS, 2010a; QUIJANO, 2005), não oferece categorias de análises adequadas para a compreensão da realidade e do conhecimento sobre o ensino público no Brasil. Para compreender esses modos de conhecer é preciso ter o domínio do campo da cultura, linguagem, história, religião, política, valores, conjunto de dimensões da vida que formam os grupos sociais

A educação deve ter como objetivo maior desvelar as relações opressivas vividas pelas pessoas, transformando-as para que elas transformem o mundo. Educar é contribuir com uma profunda consciência social que acarretará o desvelar das contradições da sociedade em que vivemos. A consciência social possibilita-nos entender e interpretar a cultura, por que conheceremos a sua diversidade, seus códigos, suas lutas e seus conflitos internos (FREIRE, 1992). Esse papel não é realizado pela escola, quem está impondo essa educação crítica são os movimentos sociais e, nos dias contemporâneos, os jovens estudantes constroem seus próprios currículos em uma



escola paralela a oficial.

METODOLOGIA

Nesse processo dialético de ser-no-mundo, existência biológica transformando-se em existência cultural como ser no mundo (MERLEAU – PONTY, 1988), os secundaristas e os universitários têm na esperança a força para lutar contra as decisões de um governo antipopulista, é na esperança e na luta que aparecem as brechas para a educação conscientizadora e serão palco para as vivências emancipatórias.

Referendada por uma organizada de pesquisa do tipo estudo de caso com aproximações etnográficas, convivemos com os estudantes durante o período em que o Movimento Ocupa acampou na Universidade Estadual de Santa Cruz. Utilizamos como procedimento metodológico a observação direta durante as atividades realizadas pelos alunos, oficinas, palestras, rodas de conversas e o teatro. A entrevista foi realizada com três líderes do movimento: o coordenador geral, o coordenador da comissão de ética, e o coordenador da cozinha.

Durante o tempo de inserção com os estudantes buscamos entender como eles elaboravam e vivenciavam um currículo universitário a partir das agendas políticas, culturais, sociais, educacionais e econômicas que o currículo dominante nega e invisibilidade. Analisamos a resistência dos alunos e alunas e o processo de (re) existir durante o movimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ouvirmos de um estudante: “esse mês de ocupação aprendi mais que o semestre inteiro”, confirmamos o percurso formativo do movimento e seus processos educativos na produção do conhecimento. Esses estudantes tiveram a possibilidade de reorganizar suas ideias e representações sobre a sociedade brasileira e a política, capazes de explicar a realidade em que vivem. Porém, esse conhecimento só tem sentido no processo de realização de cada um, ao problematizar seu contexto de vida produzem conhecimento e operam sobre sua realidade.

As representações do conhecimento imbuídas de emoção, desejo e prazer que os orientavam no dia a dia, sentimentos peculiares à juventude, constituem os saberes que estavam construindo. Quando os conhecimentos e saberes são compartilhados de



alguma forma por um grupo social no seu coletivo estabelecem-se os sentidos e significados das relações construídas para a sobrevivência do grupo, cria-se a resistência coletiva.

Nos embates cotidianos das organizações de resistência do Ocupa, os estudantes foram construindo formas de relacionamento por meio de um modo específico de conhecer e por meio da regulação e da emancipação do sujeito político que são. Isso se constitui no campo das tensões entre mudança e permanência, entre mobilidade e imobilidade, entre diferença e identidade, entre passado e futuro, entre memória e esquecimento e entre poder e resistência.

Ao longo do período das ocupações, procuramos refletir sobre a prática social de resistência dos jovens e os processos educativos dela desencadeados, pensamos nas aprendizagens sociais, políticas e cognitivas adquiridas por todos/as com a intenção de dialogar com os conhecimentos formais escolares. Acampados/as em barracas e/ou alojados/as em salas de aula, dividindo os alimentos em uma cozinha comunitária, foram experienciando na práxis educativa da sobrevivência e da resistência as lutas pela sustentabilidade.

O Movimento Ocupa é revelador da história de jovens da escola pública brasileira que em suas experiências individual e coletiva lutam pelo direito a aprendizagem de qualidade para todos. A outra face que a resistência do Ocupa aponta compreende a produção de saberes que descortinam questões educativas singulares, como a importância que tem o engajamento político-social de professores e alunos com sua Escola e a comunidade do entorno. Implicados engendram um processo de ensinar e aprender na forma de ser protagonistas das suas aprendizagens, constituindo um currículo cotidiano de sobrevivência, transmitido nas estratégias do convívio comunitário e permitindo que o conhecimento ali produzido seja coletivamente materializado.

CONCLUSÕES

As aprendizagens dos jovens durante o Ocupa produziram a resistência e foram alimentadas por ela. (In) visibilizado pela mídia nacional, o movimento realizou pautas sobre o povo brasileiro, a política, a economia e o currículo escolar, construiu conhecimentos e saberes no circuito dinâmico do movimento. Destacamos que essas



pautas no cotidiano do currículo escolar sempre são censuradas, a discrepância que existe entre a escola e a formação política dos jovens estudantes pôde ser atenuada com atividades abertas e dialógicas durante o Ocupa: debates, palestras, rodas de conversa, teatros, danças, manifestações culturais, leituras, etc.

Essas conclusões explicitam genericamente as questões políticas que os currículos escolares deveriam assumir para a manutenção e permanência dos conhecimentos e saberes que garantem o alcance das exigências aos direitos fundamentais individuais e coletivos na perspectiva emancipatória da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Social; Educação Superior; Resistência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ubes. <http://ubes.org.br/memoria/linha-do-tempo/#1990-2015>.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. (1965 – 1991) Tradução Sandra Tabuco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

DUSSEL, Enrique. **Transmodernidad e interculturalidad** (interpretación desde la filosofía de la libertación). México, D.F.: UAM, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Abril cultural, 1988.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In:

LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**. Por uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2010a.